

Factor de risco: desigualdade

Idade avançada, doenças prévias — é sabido que aumentam o risco de infecção pelo coronavírus. Contudo, poderemos estar perante um outro foco de perigo em todo o mundo.

De **Jörg Schindler**, Londres
03.06.2020, 16h02m



Sem-abrigo em Manchester
Christopher Furlong/ Getty Images

Mais de 1,8 milhões de pessoas infectadas nos EUA, mais de meio milhão no Brasil, cerca de quinhentos mil na Grã-Bretanha: em muitas partes do mundo o número de casos de Covid-19 revelam-se mais elevados nos países onde é maior o fosso entre pobres e ricos.

Segundo pesquisas realizadas pela *SPIEGEL*, desenha-se assim cada vez claramente um outro factor de risco para a disseminação da pandemia: a desigualdade social.

Nas últimas semanas, uma equipa de documentalistas da *SPIEGEL* estudou a relação entre o fosso pobres/ricos em determinados países e os respectivos casos de Covid-19 — com resultados, em parte, surpreendentes.

Constata-se assim que o Brasil não só é o país da América do Sul mais violentamente afectado pelo coronavírus, como é ao mesmo tempo aquele com a maior desigualdade nos rendimentos. O mesmo se pode dizer dos Estados Unidos, na América do Norte, bem como da África do Sul.

Distorções políticas colossais

Na Europa Ocidental, os três países com mais desigualdades, Grã-Bretanha, Itália e Espanha, são precisamente os mais duramente afectados pelo novo vírus. Na Ásia, a China é o país que nos últimos anos conheceu um aumento especialmente drástico da separação entre pobres e ricos.

Esta relação não é surpreendente, diz à *SPIEGEL* o cientista britânico na área da saúde Richard Wilkinson. No seu livro *The Spirit Level*, ele e a colega Kate Pickett terão constatado já há dez anos que as sociedades desiguais são sociedades pouco saudáveis.

Quanto mais desigual for a distribuição do rendimento e do património, mais violentamente sofrem as pessoas dessas mesmas sociedades com problemas como depressão, dependência de drogas e taxas elevadas de suicídio — algo que atravessa toda as camadas sociais. Nesses países regista-se também um número muito mais elevado de pessoas com excesso de peso e que padecem de problemas respiratórios — factores de risco que, na pandemia que vivemos actualmente, desempenham um papel decisivo.

Wilkinson alerta para os substanciais problemas que virão depois. Sobretudo nos EUA poderemos ter já alcançado um «ponto sem retorno» no que toca às desigualdades, já que aí pende a ameaça de possíveis «distorções políticas colossais». «É significativo que, nos EUA, uma das reacções mais visíveis à pandemia tenha sido o aumento da compra armas.»

Não estamos todos ao mesmo nível

Nos Estados Unidos, a possível relação entre um elevado número de pessoas infectadas e o grande fosso entre ricos e pobres pode observar-se também a nível regional. Os estados norte-americanos de Nova Iorque, New Jersey, Connecticut, Massachusetts e Louisiana, bem como Washington, D.C., corresponderam às zonas de maior incidência da crise do coronavírus aquando da realização da pesquisa.

Em quatro destas regiões — Washington, Nova Iorque, Connecticut e Louisiana — foi medido o nível mais elevado do chamado coeficiente Gini nos EUA. Este valor mede geralmente a distância entre o rendimento mais elevado e o mais reduzido no seio de uma população.



Pobres e ricos: vista da favela Rocinha (esquerda) e de um prédio novo no bairro abastado de São Conrado, no Rio de Janeiro (direita)

MAURO PIMENTEL/ AFP

Na Grã-Bretanha, os focos da crise Londres, Noroeste de Inglaterra e Escócia formam o top três das regiões com mais desigualdades. Na África do Sul, as zonas de Western Cape, Eastern Cape e Kwa-Zulu Natal foram especialmente afectadas pela Covid-19. Segundo estimativas do instituto de estatística nacional sul-africano, todas estas três províncias estavam entre as que ostentavam as maiores desigualdades no país.

Na pandemia, esta desigualdade tem consequências fatais: tanto nos EUA como na Grã-Bretanha, morreram nos últimos meses devido à Covid-19 muito mais pessoas de cor do que brancas.

«Esta doença afecta sobretudo os pobres e as pessoas na linha da frente e que são agora designadas eufemisticamente por "profissionais essenciais"», disse o especialista em direito internacional Philip Alston à *SPIEGEL*. «Não é sem dúvida alguma uma doença perante a qual estejamos todos em pé de igualdade», diz Alston, que em Abril deste ano era o relator especial da ONU para a pobreza extrema. Referiu-se às ajudas que os países industrializados disponibilizaram até agora às regiões pobres afectadas pela pandemia como «lastimáveis e desumanas».

Artigo original: https://www.spiegel.de/politik/ausland/corona-krise-ungleichheit-ist-weltweit-ein-risikofaktor-a-2e75b1aa-5028-496a-a601-e3542fd9a74c?sara_cid=nl_upd_1jtzCctmxpVo9GAZr2b4X8GquyeAc9&nid=rllbdrav

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes